

Importação franca e deliberada. Prova certa disso estará no Naturalismo que, a despeito dos homens de valor que reuniu, foi muito mais postigo em nosso país do que o romantismo. Este, embora também recebido de fora, abrandou-se rapidamente, por coincidir com o estado de espírito dominante. A tal ou qual ingenuidade de que havia no bovarismo imperial lhe permitira não se dar conta da sua origem estrangeira, ao passo que, mais tarde, a adoção de modas e idéias se fez conscientemente. Por isso, não obstante ter sido condicionada pela Europa a nossa atividade intelectual, pode-se legitimamente falar em cosmopolitismo republicano. Cosmopolitismo que levou, por exemplo, os nefelibatas a se encerrarem em problemas estéticos e a se alhearem do seu meio, trazendo para um país em construção, o bizantinismo próprio de sociedades decadentes. O Brasil, que parecera tão ilustre aos românticos, já não interessava tanto aos escritores que o saibam inculto, quase analfabeto⁽²¹¹⁾. Aquela “constante e cerrada busca da verdade”, característica da obra de Machado de Assis, vinha sendo substituída por uma literatura artificial, deslumbrada no simples verbalismo⁽²¹²⁾.

Em sua tarefa de crítico militante, José Veríssimo constatava a pobreza das contribuições que lhe chegam para estudo: “Das dezenas desses livros, pela maior parte, é bom repetir, folhetos, que no Brasil se publicam todos os anos, de fato apenas poucos são beneméritos de atenção e apreço, o que aliás não quer dizer que esses, por isso que os podemos estimar hoje, os nossos netos continuem a estimá-los depois de amanhã: *‘Habent sua falta libelli!’*, e entre nós, reparo, é precária a sorte dos livros”⁽²¹³⁾. A posteridade, realmente, como observou Lúcia Miguel Pereira, confirmando,

(211) Lúcia Miguel Pereira: op. cit., págs. 14/15.

(212) “O certo é que, apesar de se poderem apontar méritos em alguns ficcionistas, o dilettantismo, o amadorismo constituíam um alarmante sintoma de esgotamento, de fim, de época. As conferências literárias que, em 1905, se realizaram com grande êxito, no Instituto Nacional de Música, são um claro exemplo da frivolidade dominante; diante de um auditório mundano, os mais afamados escritores do momento, Coelho Neto, João do Rio, Medeiros e Albuquerque e outros faziam florituras e variações sobre temas como Beijos, a Rua, o Pé e a Mão, a Palavra; o último assunto — *a tout seigneur tout honneur* — coube a Coelho Neto que, depois de comparar os vocábulos a ‘atores de antigo teatro com a crépida ou com o coturno, com a máscara cômica ou com a carantonha trágica’, a ‘flores nos prados’ das quais os olhos, como duas abelhas, sugam a ‘essência para fazer o mel e a cera com que se alimenta e ilumina a humanidade’, concluiu com a seguinte peroração: ‘Agora direi que vos iludi durante uma hora, soltando bolhas de sabão ao vento. É sina das palavras — voar, como o pólen que fecunda. Que houve nesta palestra? Aquilo que o taciturno príncipe condenava: ‘Palavras! Palavras! Palavras!’ Ah! sim, palavras que são o nada e que são tudo, palavras que, se fazem o mal, também fazem o bem: a vida; e são as verdadeiras óstias da comunhão universal nas quais se encontra o espírito eterno”. (Lúcia Miguel Pereira; op. cit., págs. 281/282).

(213) José Veríssimo: *Estudos de Literatura Brasileira*, 6ª série, Rio, 1907, pag. 124.